

## Discutindo as diferenças em sala de aula

Marcia R. Poli Bichara\*

Quando fui convidada para participar do curso de formação de professores da Rede Municipal de Educação, percebi a chance que estava à minha frente de discutir com outros colegas de trabalho a experiência que estava tendo em ser professora e pesquisadora.

Estava, àquela época, em fase de coleta de dados para minha dissertação e, claro, cheia de dúvidas de como iria encaminhar minha pesquisa.

Já havia apresentado meu trabalho em diversos momentos, mas sempre dentro das universidades. Mas sabia que o olhar de quem tem experiência em sala de aula teria uma especificidade que poderia me ajudar muito.

Minha pesquisa estava sendo realizada em sala de aula. Estava, junto aos meus alunos, desenvolvendo metodologias do ensino de história que pudessem nos ajudar a repensar nossas relações com as diferenças. Refiro-me em especial a diferenças relativas à cor de pele ou à raça. Mas amplio meu olhar em relação a outras diferenças: a questão de gênero, da obesidade, da classe social, da orientação sexual.

Sendo Campinas uma cidade moderna, com histórico de escravidão negra, traz nas relações entre seus moradores a marca da discriminação e do preconceito. As diferenças sociais entre os moradores afro-descendentes e os moradores que têm ascendência européia é visível. Sem contar a competitividade decorrente de um sistema capitalista que leva as pessoas a se anularem e a anular seus semelhantes em busca de uma melhor gratificação ou *status quo*.

Porém, a partir da leitura de Walter Benjamin, percebo nesta mesma modernidade capitalista a possibilidade de encontrar outros caminhos, outras relações, nas quais os seres humanos, moradores de Campinas, possam recriar relações mais inteiras e respeitadas.

Pensei em levar aos professores uma versão mais elaborada daquilo que estava trabalhando com os alunos, na intenção de estimulá-los a debater a questão das diferenças.

Isto porque percebo que existe, na formação dos professores, a falta de um preparo teórico e metodológico no que diz respeito a como lidar com situações de preconceito e discriminação em sala de aula.

Uma das questões que levantei – agora, na finalização de minha dissertação – é que os professores muitas vezes não interferem nas situações de conflitos existentes entre os alunos. Conflitos estes gerados por questões de intolerância com as diferenças e que podem gerar ressentimentos, desestímulos em relação ao estudo e até evasão escolar.

Uma das hipóteses levantadas a respeito desta não interferência dos professores na relação de conflitos estabelecidas entre os alunos é a falta de uma percepção destes sentimentos e das consequências por eles geradas. Pois, para trabalhar com este tema, não podemos nos ater à racionalidade. É uma questão que envolve sentimentos. Não basta tentar entender o porquê da discriminação e do preconceito de forma racional, com dados e tabelas. É necessário chegar até a vida das pessoas e naquilo que elas sentem em relação às pessoas que consideram diferentes.

Encontrei, no conceito de memória, a possibilidade de reencontrar os sentimentos, fugindo de uma educação presa a uma racionalidade técnica, que impede que nos relacionemos como seres humanos inteiros, com sentimentos e emoções. Usando como instrumental o conhecimento da História na relação com a Memória, é possível ir além da racionalidade instrumental, podendo chegar à percepção de como os sentimentos e as emoções são importantes para a formação, tanto dos educadores quanto dos educandos, no que diz respeito à possibilidade de relações mais humanas e respeitadas.

Para chegar ao conhecimento do que distingue memória e história, lemos um pequeno texto produzido para minha pesquisa com os alunos, que acredito ser importante fazer parte deste relato.

## História e modernidade capitalista

A Memória é uma parenta meio esquecida da História. Quando falamos em estudar História, estamos nos referindo a um conhecimento científico que normalmente é produzido por pessoas especializadas. Como são estudiosos que pesquisam e escrevem os livros de História, nossa tendência é a de acreditar que tudo o que dizem é verdade.

Não estou querendo dizer que não é bom estudar História. Ao contrário, o estudo da História nos traz inúmeras contribuições, desde que fiquemos atentos em relação a quem está produzindo o conhecimento histórico e de que posição este profissional fala. Não devemos acreditar em uma única posição como sendo a mais certa.

Quem escreve a História tem motivos políticos bem específicos. Está defendendo certas idéias e devemos ficar atentos a esta posição do autor para julgar até que ponto concordamos ou não. Senão, corremos o risco de acharmos que o certo é termos a mesma opinião que o autor. E isto ocorre muito na escola.

Além disso, os textos dos livros são técnicos e é preciso fazer um esforço para entendê-los. Na escola, a História é uma disciplina e, realmente, é toda "disciplinadinha".

Já a Memória é bem diferente. Ela pode ser produzida por qualquer pessoa. Aliás, todos nós temos memória. Todos trazemos conosco lembranças, que são significativas e que não falam só de nós, mas também sobre pessoas com as quais convivemos.

A Memória não é nada disciplinada. Ela vai e volta no tempo e no espaço com uma rapidez tremenda, como se fosse raios ou flashes luminosos, trazendo fatos significativos para a pessoa, fatos estes relacionados com outros, tecendo uma trama cheia de nós.

Ela não fala só do passado. Normalmente ela parte do presente, despertada por alguém ou alguma coisa e vai para o passado, pulando de tempos em tempos, de um lugar para o outro e volta cheia de emoções e sentidos, para o lugar de onde saiu, o presente. Portanto, não é muito rígida e técnica. Qualquer coisa pode despertá-la: um ruído, um cheiro, uma música.

Não é ordenada e não traz só coisas boas. Ela pode trazer também aquilo que não deu certo, que não é tão bonito de se mostrar. Não traz certezas. Pode mostrar o ser humano como ele realmente é.

A Memória se faz também pelo esquecimento. Nossa mente seleciona o que devemos ou não nos lembrar. Às vezes é muito importante conseguir se esquecer de certas coisas para que possamos levar nossa vida em frente.

Mas a Memória traz certos perigos também! Uma pessoa, ou um grupo de pessoas, podem querer usar sua própria memória como meio de dominar as outras, como meio de manter sua posição privilegiada na sociedade.

Porém, se não houver estas idéias de dominação, o uso da memória pode ter um poder muito grande de unir as pessoas, pois permite que elas troquem suas experiências.

Foi Walter Benjamin, um pensador alemão que viveu no início do séc. XX e morreu durante a 2ª Guerra Mundial, que fortaleceu a idéia de usarmos mais a rememoração (ato de trazer as nossas memórias para o presente para que elas nos orientem). Ele era um filósofo muito sensível, preocupado em questionar o modo das pessoas viverem no interior da chamada "modernidade", tentando resgatar alguns valores perdidos. Valores como a relação entre o presente, passado e futuro, a importância da troca das visões de mundo e das sensibilidades, do respeito aos saberes dos menos favorecidos.

Segundo este pensador, rememorar não é igual a escrever uma autobiografia, não é contar só nossa história. É contar a história de todas as pessoas e de todos os fatos que têm algo a ver com a pessoa que rememora.

Quem rememora percebe o quanto sua história é singular. Lembra-se de seus projetos, pensa no que não deu certo, de como eram as relações entre as pessoas e consegue visualizar um futuro para si, em conjunto com as pessoas que o rodeiam. Se conseguirmos que, a Memória e a História caminhem juntas, teremos um bom conhecimento do passado, mas um conhecimento mais próximo de nossas vidas, no qual somos participantes ativos. Um conhecimento que, partindo do presente, pode nos mostrar caminhos para o futuro.

Esse pequeno texto, ao ser lido junto às professoras, conseguiu esclarecer de forma bem objetiva vários pontos que o curso como um todo queria atingir. Em especial, a percepção de como o ensino da história, na relação com a memória, é algo que pode atingir as pessoas naquilo que elas vivem no seu dia a dia, levando-as a refletir e a rever certas "certezas".

E o *rememorar* é um ato político, no sentido em que, partindo do presente, reinventa o passado em vista de um projeto para o futuro.

Por isso, após a leitura, convidei as professoras a realizar uma rememoração de suas experiências com as diferenças:

**Rememoração:** Vamos escolher um lugar no qual você possa ter um momento tranquilo de concentração.

- Faça uma viagem em sua memória e tente se lembrar de experiências que você já teve com pessoas que você considera diferentes.

- Que tipo de sentimentos você experimentou nestes momentos? Medo/vontade de estar junto/dificuldade de se relacionar?

- Estes sentimentos tiveram alguma relação com coisas que você teria ouvido sobre estas pessoas consideradas diferentes de você?

- Existiram situações em que você mesmo(a) foi considerado(a) diferente? O que você sentiu?

- Escreva o que você se lembrou, sem se preocupar muito com o ordenamento. Deixe sua memória fluir livremente.

- Fique atento (a) em relação aos lugares e aos tempos. Como eles se encadearam em sua memória?

- Fique atento (a) em relação às pessoas que são lembradas.

- Traga a história dos outros junto com a sua.

- Não pense que o que você sentia ou pensava quando era pequeno era bobagem. Dê ouvidos a suas lembranças de criança.

Este momento de rememoração trouxe à tona inúmeras experiências que foram socializadas conforme o desejo das participantes do curso.

Muitas dúvidas surgem de uma experiência como esta. Por que agimos de forma preconceituosa? Por que temos ressentimentos? Por que agimos de forma a contradizer nossa racionalidade?

Acredito que, relacionando nossas experiências com o estudo da História, podemos nos compreender melhor, ou seja, como nossas vidas estão inseridas em construções sociais mais amplas e como, muitas vezes, acabamos por reproduzir algo que, racionalmente, costumamos negar, como é o caso dos preconceitos e da discriminação.

Buscando esta relação com a macro-história, utilizei, no segundo encontro com as professoras, outro suporte para a discussão. Um texto histórico escrito para professores, no qual o autor nos informa sobre as origens do pensamento racista e como este pensamento ainda é transmitido de geração a geração. Nos

permite conhecer as raízes pseudo-científicas do pensamento racista e nos ajuda a questionar a sua continuidade em nossas relações.

As professoras mostraram-se muito surpresas com os textos e com a temática. Acharam que o fato de eu estar trabalhando com um tema tão polêmico era um ato de coragem, pois reconheciam a dificuldade que temos em falar sobre a questão do preconceito, principalmente na presença de negros, como era o nosso caso, em que havia no grupo duas professoras negras, irmãs. Houve uma certa resistência no começo, um certo mal estar. Como se fosse algo desrespeitoso tratar deste assunto na frente das colegas negras. Mas com o tempo, percebemos que, se há preconceito em relação à cor, existem entre nós, também, outros preconceitos, de modo que ninguém fica seguro de que nunca será discriminado. E, por isso, esse é um assunto que deve ser discutido por todos, em conjunto.

Uma das descobertas que fizemos, juntas, é que não havia como chegar a uma resposta fechada, uma saída única. É um tema que leva a diferentes pontos de vista e que devemos conhecer todos para podermos nos posicionar como cidadãos e como educadores. Um exercício difícil para nós educadores que, nas nossas práticas pedagógicas, tendemos a querer chegar a respostas fechadas, a certezas únicas.

Outras descobertas foram feitas a partir da oficina pedagógica proposta ao grupo, na qual deveriam planejar uma atividade que pudesse estimular os alunos a compreenderem melhor as diferenças e que, a partir desta compreensão, pudessem repensar suas atitudes.

O resultado desta oficina foi muito estimulante. Essas professoras, diretoras, orientadoras educacionais trouxeram ao grupo toda sua criatividade, sensibilidade e experiência, levando-nos a comprovar que os problemas relacionados à questão da discriminação na escola têm, sim, solução. E a solução está exatamente nos sujeitos que fazem parte da escola: professores, alunos, funcionários, pais...

Pensar simplesmente que a escola reproduz o preconceito e a discriminação é não apostar na capacidade que alunos e professores têm em serem sujeitos da história.

O conhecimento produzido na escola não pode ser entendido como a reprodução dos conhecimentos elaborados nas universidades. Os professores não são apenas os transmissores dos conhecimentos.

Eles criam, no diálogo com os conhecimentos acadêmicos, novos conhecimentos que se relacionam com as experiências e as necessidades do grupo com o qual trabalham.

Da mesma forma, os alunos não são seres que devem repetir o que o professor anuncia em sala de aula. O aluno tem condições de compreender, a seu modo, as questões do mundo em que vive.

Se queremos - como é o caso do problema da discriminação e do preconceito - transformar as relações entre as pessoas que nos cercam, não podemos continuar, nós pesquisadores, com preconceitos em relação às pessoas com as quais trabalhamos.

A experiência com estas professoras que participaram do curso "Cidade, memória e história: os desafios da produção de conhecimentos históricos-educacionais" me possibilitaram afirmar esta certeza em relação à autonomia existente no trabalho docente.

Muito aprendi com os resultados da oficina proposta. Muito conheci sobre o quanto estas educadoras interferem, de forma consciente corajosa, nas relações complicadas produzidas pela modernidade capitalista.

Minha participação neste projeto de formação de professores também foi significativa para poder levar a outros colegas de profissão aquilo que eu estava vivenciando como professora pesquisadora.

Percebi que, além daquilo que eu havia planejado a ser discutido, essa troca de experiências resultou em uma "injeção de ânimo" para as participantes do curso: a percepção de não estar sozinha na luta diária pela educação, de entender a importância das atitudes tomadas frente aos conflitos em sala de aula, o desejo de continuar sempre estudando.

## Notas

\* Professora de História do Ensino Fundamental da rede particular de ensino de Campinas. Mestra em Educação na FAE/Unicamp. E-mail: marciabichara@hotmail.com

<sup>1</sup> Sant'Ana, Antonio Olímpio. "História e Conceitos Básicos sobre Racismo e seus Derivados" in Munanga, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. págs. 31 a 60. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. 2001

## Referência

AZEVEDO, Célia M.M. **Onda Negra, Medo Branco: o negro no imaginário das elites - séc. XIX**. S. P.: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_ **Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo**. São Paulo: Annablume, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_ **Obras escolhidas II. Rua de mão única**. São Paulo, Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_ **Obras escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

BICHARA, Márcia Regina Poli. **Focando a discriminação em sala de aula: memória, história e ensino de história**. (Dissertação de Mestrado) Campinas, SP: 2005.

BRESCIANI, Stela e NAXARA, Márcia (orgs). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **O almanach, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 a 1880**. Tese de doutoramento. Campinas: Departamento de História, IFCH/Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_ "Imagens entrecruzadas de Infância e de produção de conhecimento Histórico em Walter Benjamin" in Faria, Ana Lucia

G. de Faria e outros (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monterio de Aguiar (orgs). **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.

MONTEIRO, Ana Maria F. da Costa. **Ensino de História: entre saberes e práticas**. Tese de Doutorado, Departamento de Educação, PUC-RIO, 2002.

MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola**. 3ª edição. Brasília: Ministério da educação, 2001.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**. As tiranias da intimidade. S.P.: Cia das letras, 1982.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. RJ, Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_ **Costumes em Comum**. SP. Companhia das letras, 1999.